

(Continuação da página anterior)

Foi assim que pude assistir - e anos depois intervir - no que era o trabalho desenvolvido diariamente para que o «Diário», que era um jornal vespertino, começasse a ser elaborado, sempre com a certeza de que notícia a publicar era informação correcta, sobretudo se envolvia pessoas e «casos».

Aos poucos fui-me apercebendo do que era a «censura» e também que havia assuntos que, inscritos no rol do «índice», não deviam ser abordados «descaradamente», sob pena de suspensão!

Mas quem soubesse dar a volta - e o Dr. Manuel Carreiro e o padre Dinis da Luz, em Lisboa - eram mestres nisso, as coisas passavam...

Na assessoria à direcção conheci e muito aprendi com o jornalista Alcindo Coutinho e, já nos meus dias, com o Manuel Jorge Raposo, que tanto preenchia a área das finanças, como faziam reportagens de acontecimentos locais quer públicos quer privados e ainda as notícias do dia-a-dia regional, por ser mestre em stenografia.

A morte do Dr. Manuel Carreiro ocorrida em Setembro de 1974 trouxe um rude golpe à vida do Jornal, sobretudo a seu irmão e a equipa redactorial também foi afectada.

Por outro lado, o 25 de Abril estava em peso na rua e nas empresas naquele «ajuste de contas» tão próprio duma revolução como a que sucedeu em Portugal e se alargou até nós.

Mas, apesar da ameaça dum assalto à Redacção, o Jornal continuou, de cabeça erguida, na sua missão informativa, sempre de crescente interesse no que tocava aos problemas de desenvolvimento local e insular, numa luta que tocou também a emigração, o custo de vida e o desemprego rural, sempre através de colaboradores (a título gracioso) que sabiam dar a cara, analisá-los e até dar pareceres para seu encaminhamento.

Três anos depois, também num mês de Setembro, morre o Dr. Carlos Carreiro, mais um «Camarada e Amigo» que, fiel à tradição dos seus maiores, consagrou também toda a vida, unicamente - porque não tinha filhos - a este jornal, pois até a Redacção, onde se preparava tudo, era comum à sua residência.

Numa nota evocativa escrevi: «era a última luz que se apagava nas residências da cidade»; e, quando a vida me proporcionou, muitas vezes o acompanhei e por ele fui sempre estimulado a dar a minha colaboração ao Jornal, pois também me considerava um «continuador»...

Morreu com um desejo que não cumpru: *publicar o «In memória» de seu Pai!*

Mas hoje, acrescento mais duas que também estão em falta: a sua e a de seu irmão, pois contêm elementos de sobejo para o estudo sociológico do que foi a implantação da Imprensa diária nos Açores.

Com a morte do «último lutador» a empresa familiar foi-se esvaindo...

O Carlos Amaral Carreiro, seu sobrinho e afilhado, chegou a interromper o curso de Belas Artes, para assumir a Direcção do «Diário dos Açores» mas, como escreveu no 125º aniversário da criação deste Jornal, «não herdei a gene do jornalismo, fui buscar as tendências artísticas à família de minha mãe».

E, fez bem, porque hoje é um pintor afamado que muito nos honra. Valeu a pena a tua decisão!

A Maria Isabel, sua irmã, ainda tentou «agarrar» o tesouro de família, que lhe

coube em herança, mas não conseguiu, como era natural.

O Jornal precisava dum rumo quanto a um futuro estável, de acordo com «os nossos dias»; e isso só foi conseguido quando um grupo de empresários - e não só - com conotação ao PSD, passou a constituir a «*Empresa Diário dos Açores*», tendo um Conselho de Gerência constituído por Américo Natalino de Viveiros e seu filho Paulo Pereira de Viveiros, a quem saúdo.

Para trás há que registar, com o apreço que lhes é devido, os nomes do jornalista e colaborador assíduo do «velho Diário», João da Silva Jr., a que também junto os de Manuel Moniz e do Dr. Eduardo de Medeiros.

Após um intervalo - doloroso para mim, por razões profissionais - regressei à colaboração do «meu» Diário com uma frequência habitual, mas já quase aposentado...

Agora, com o Dr. Osvaldo Cabral, como director-adjunto, o «Diário dos Açores» continua a ser referência num jornalismo de confiança «*que se impõe à fluidez da desinformação que grassa nas redes e também nalguma comunicação social de qualidade*»!

Até já se assiste à sua publicação digitalizada, mas tudo orientado nos valores da democracia, do pluralismo e no alavancar do processo autonómico dos Açores.

A série - praticamente semanal - de editoriais como «(Des)Informar» ou em outros com sugestivos títulos e escritos fazem-nos pressentir o que por aqui e no continente se passa de bom e de menos bom e são a prova de que este Jornal continua vivo e actuante.

Afinal, a «aventura» iniciada por Tavares de Resende há 153 anos continua presente no jornalismo local, nacional e até na diáspora.

Confio em Deus que, na edição de 5 de Fevereiro de 2024, ainda possa estar presente naquela amizade e colaboração que, já no próximo mês de Julho, completa 70 anos!

Parabéns a todos quantos trabalham e dão a sua colaboração ao sempre actual e persistente «Diário dos Açores».



Maria do Carmo Carreiro Resende, filha de Tavares de Resende
Foto tirada em 1949, com 63 anos.



Gualter Furtado

Diário dos Açores, 153 anos de Vida

Festejar um aniversário é sempre um momento marcante na vida de uma pessoa, mas também de uma empresa, e de uma instituição como é o Diário dos Açores. Sabendo-se os desafios e dificuldades com que lutam no dia a dia os jornais, para se manterem vivos, chegar aos 153 anos é motivo de celebração e de regozijo, sobretudo se tivermos em consideração que esta epopeia foi e é construída na ilha de São Miguel, uma ilha de uma Região que ainda hoje é Ultraperiférica. Imagine-se o que seria em 1870, ano em que foi fundado o Diário dos Açores, mesmo que naquela altura já tivéssemos no nosso seio homens e mulheres de exceção, empreendedores e de grande visão, como foi o caso do jovem de apenas 21 anos, Manuel Augusto Tavares Resende, o primeiro obreiro deste Diário.

O Diário dos Açores (1870) foi fundado num enquadramento mundial, europeu e nacional de grandes avanços civilizacionais como foram a abolição da pena de morte e a negação da escravatura.

A Guerra Franco-Prussiana (1870/1871) envolvendo duas das principais potências europeias, pela sua dimensão e significado geoestratégico, constituía uma fonte de preocupação e de informação que o Diário dos Açores soube então dar a devida importância, procurando manter os seus leitores informados sobre o desenrolar deste conflito, que como sabemos teve o seu prolongamento nas duas Guerras Mundiais do Séc. XX.

Mas também a criação do Diário de Notícias em 1864 teria um impacto grande no plano da informação em todo o País e no despertar de outras iniciativas regionais de criação de jornais, como é referenciado na história do Diário dos Açores e de outras

publicações que surgiram em Portugal.

A vida do Diário dos Açores nestes 153 anos confunde-se com a história da ilha de São Miguel e dos Açores, podendo ser resumida numa palavra, que foi, e é a Resiliência. Mas é também consensual que ao longo da sua vida soube manter uma linha editorial pluralista e independente, o que é bem evidenciado nos dias de hoje com os editoriais do Osvaldo Cabral, mas também com a publicação de artigos de colaboradores que se situam nos vários quadrantes políticos dos Açores.

Nos dias de hoje manter um jornal, como o Diário dos Açores, vivo significa ter a capacidade de luta permanente contra um mercado de reduzida dimensão, a concorrência de outros Órgãos de Comunicação Social, o poder impressionante das redes sociais, os crescentes custos de produção e num contexto de ausência de economias de escala, e as pressões políticas sejam elas, directas ou indirectas, mas sempre com consequências na sustentabilidade dos jornais.

Os Açores nestes últimos 3 séculos tem exemplos de jornais, jornalistas e colaboradores que nos devem orgulhar e não existe Democracia sem uma informação pluralista, de qualidade, de denúncia das injustiças e dos desvios, de defesa do Desenvolvimento dos Açores, razão por que os apoios transparentes e responsáveis do Governo dos Açores aos OCS não são um custo, mas sim um investimento na sustentabilidade da própria Democracia.

Para terminar endereço os meus Parabéns ao Américo, ao Paulo e ao Osvaldo e por intermédio deles a todos os colaboradores e trabalhadores que hoje tal como no passado fazem o Diário dos Açores.